

IDENTIDADE LINGUÍSTICO-CULTURAL: FRAGMENTOS DE ENUNCIADOS PROVERBIAIS DA LÍNGUA KIMBUNDU

Ezequiel Pedro José Bernardo

bindumuka@hotmail.com

Instituto Superior de Ciências da
Educação (ISCED)
Cabinda, Angola

Resumo

Este artigo aborda o papel dos provérbios como elementos culturais e políticos, fortemente atrelados às línguas nacionais em Angola. Enfoco a língua Kimbundu do grupo étnico Ambundu. Nos enunciados proverbiais circula a sabedoria popular que faz parte do cotidiano dos indivíduos, expressando conhecimentos morais e culturais, relevantes de um dado grupo étnico. O artigo visa analisar o enunciado proverbial usado como advertência, uma espécie de conselho moral. A enunciação discursiva do provérbio apresenta características próprias, carregadas de símbolos, musicalidade, ritmo e de uma aprendizagem que passa de geração em geração. Os provérbios são elementos linguísticos e culturais relevantes e cuja existência depende de políticas linguísticas e educacionais que reconheçam as línguas nacionais, portadoras desses saberes proverbiais, paralelamente à língua portuguesa em Angola.

Palavras-Chave: língua, cultura, provérbios, identidade.

LINGUISTIC-CULTURAL IDENTITY: FRAGMENTS OF PROVERBIAL STATEMENTS FROM THE KIMBUNDU LANGUAGE

Abstract

This article discusses the role of proverbs as cultural and political elements, strongly linked to the Angolan national languages. I focus on the Kimbundu language spoken by the Ambundu ethnic group. The proverbial statements carry on the popular wisdom that makes part of the daily life of individuals, expressing moral and cultural

knowledge, relevant to a given ethnic group. The article aims at analyzing the proverbial practices used as a kind of warning with moral advice. The discursive enunciation of the proverb has its own characteristics, full of symbols, musicality, rhythm and knowledge that is transmitted from generation to generation. Proverbs are relevant linguistic and cultural elements and their existence depend on linguistic and educational policies that recognize the national languages as source of proverbial knowledge, in parallel with the Portuguese language in Angola.

Keywords: language, culture, proverbs, Identity.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda os provérbios na língua bantu Kimbundu, amplamente circulante em Angola e falada pela grupo étnico Ambundu. A língua Kimbundu é falada em cinco províncias de Angola, nomeadamente Luanda, Bengo, Malange, Kwanza-Norte e parte Norte do Kwanza-Sul. Sabemos que a língua manifesta a cultura de um povo, o que se evidencia pelo uso de provérbios, práticas linguísticas que são carregadas de significado simbólico, social e filosófico, caracterizando um determinado grupo. Com os provérbios, fica evidente que a língua e a cultura são elementos de construção de identidade coletiva e individual, o que se estabelece na comunicação (Bernardo, 2018). As relações estabelecidas entre os indivíduos na sociedade Ambundu, em Angola, mostram claramente o quanto os provérbios são importantes e utilizados como elementos de comunicação, expressando crenças, ideologias e culturas circulantes nas diversas esferas da vida social. Os provérbios estabelecem a relação com o indivíduo e com o mundo por meio da língua(gem) e da cultura, veiculam as ideologias dos povos e têm um carácter pedagógico. Além disso, os provérbios constituem a voz do povo e essas interlocuções circulam, em muitas circunstâncias, como advertências ou conselhos que levam à reflexão o destinatário do provérbio.

Neste artigo, apresento, de forma geral, o enunciado-discursivo proverbial usado como advertência, vinculado à identidade linguística-cultural do povo e da cultura Ambundu. De forma específica, procuro identificar o papel enunciativo-discursivo que veiculam os provérbios Ambundu na relação com a comunidade, e destacar a importância dos provérbios como prática de advertência. Pretendo, com isso, contribuir para a

discussão sobre a importância das línguas nacionais angolanas como portadoras de significados culturais e morais, vinculados ao modo de ser de um determinado povo.

Este trabalho orienta-se por uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, com enfoque nos aspectos culturais e orais que nos permitem observar os significados dos provérbios nas diversas esferas. Além disso, levo em conta a relação que tenho, pessoalmente, com a cultura Ambundu e a respectiva língua o Kimbundu, o que me permitiu transcrever e traduzir alguns provérbios por meio de interações cotidianas com os familiares que fazem uso dos provérbios no seu dia-a-dia.

A seleção dos provérbios incluem material extraído da obra de Ribas, reeditado em (2009), livro de recolhas de oratura angolana, de língua Kimbundu, vinculada ao grupo Ambundu, descendentes dos Bantu, sendo este derivado dos proto-Bantu. No que se refere ao grupo Ambundu, realço que este congrega os seguintes tribos e subgrupos, conforme Amaral (1996), citado por Homem (2011, p. 44): Dembos/Jindembo, Hungos/Bahungu, Lambulas/Balambula, Ngola/Angola, Ginga/Anjinga, Holos/Aholo, Bondos/Mbondo, Mbangálas/Imbangalas, Kisama, Lubolo/Lubolo, Hacos, Songos/Asongos-Masongo, Quibalas, Ibala e Sendes/Sende.

A seguir, o artigo apresenta um panorama sobre questões de identidade linguístico-cultural e seus desdobramentos na realidade angolana; em seguida, discorre sobre o enunciado proverbial como marca de cosmovisão de uma comunidade; finalizo com um enfoque na tradução de seis enunciados proverbiais, seguindo de alguns comentários.

DA LÍNGUA À IDENTIDADE CULTURAL PARTIDA: FEIÇÕES DE UMA CRISE EM ANGOLA

A identidade linguístico-cultural angolana surge muito antes do período colonial, mas o processo de colonização, que impôs a língua portuguesa, contribuiu para a produção de uma espécie de “genocídio linguístico”¹ e de identidade cultural, o que é reforçado pelo fato da língua portuguesa ser a única língua oficial em Angola, estando as demais relegadas ao estatuto de nacionais.

Assim, defendo que as línguas nacionais de Angola e as respectivas culturas são vistas, por vezes, como uma ameaça ao sistema vigente, ainda reverberando as ideologias linguísticas coloniais de silenciamento das línguas angolanas. As estratégias “genocidas” envolvendo as línguas buscavam uma certa subordinação do povo. Sobre essa estratégia usada pelos portugueses, Fernandes e Ntongo (2002, p.101) afirmam: “os portugueses

utilizaram como critério de comunicação, para a imposição da língua portuguesa, o monolinguismo”. Tais atitudes levaram a um enfraquecimento político das línguas e modos de representação do mundo dos angolanos, especialmente aqueles que desconhecem a língua portuguesa. A imposição da língua portuguesa em Angola remonta a 1921, pelo Decreto nº 77 de Norton de Matos, então Governador-geral de Angola, que proibiu o uso das línguas nacionais nas diversas esferas, contribuindo para um silenciamento da identidade cultural e linguística angolana. Tratou-se, sobretudo, da “[...] imposição da civilização europeia, vista como causa da ruptura da harmonia anterior” (Reis, 2011, p. 53).

Essa atitude “*segregacionista*” promoveu o conflito de culturas e, conseqüentemente, a discriminação e marginalização de valores angolanos, motivando a mudança de narrativas e discursos que definem a própria história do povo angolano. Essa vivência impositiva que durou cerca de 500 anos não teve, contudo, seu fim após o alcance da Independência de Angola em 1975, uma vez que a elite angolana não emancipou as línguas e as identidades culturais de forma a criar uma ruptura com o sistema colonial (Bernardo, 2018). Desse modo, fica patente que “o poder havia apenas trocado de mãos, sem que se operassem mudanças reais”(Reis, 2011, p.13).

Relativamente aos aspectos acima descritos, Gonçalves (2000) e Sassuco (2014), citados por SEVERO (2014), sustentam que os “efeitos da oficialização da língua portuguesa e de seu uso em contexto formais administrativos, literários, mediáticos e escolares incluíram o amortecimento do prestígio social e simbólico das demais línguas locais, como é o caso de Angola e Moçambique”. Nessa perspectiva, Reis (2011, p. 46) afirma que “a imposição da cultura ocidental na África desencadeou um processo de mudança na constituição do sujeito e na sua atitude em relação à vida em sociedade”.

Assim, em conformidade com Mingas (2007, p. 50), “os portugueses começaram a substituir os elementos autóctones pelos estrangeiros”, desde os topônimos até os antropônimos. Contudo, a imposição de uma cultura alheia na realidade angolana sofre resistência pela sobrevivência e uso das línguas nacionais, em que os valores culturais veiculados pela oralidade ainda persistem em certas localidades do país. Por exemplo, as áreas rurais, que a política portuguesa menosprezou, são as que mais mantiveram suas línguas, culturas e história. Após a independência, essa resistência cedeu devido a fatores ligados à comunicação da classe média, ao processo imigratório e ao contato com outras culturas.

Contudo, ainda assim, a prática do uso dos provérbios nos vários contextos da vida social manteve-se, embora ainda seja necessário investir no “resgate das línguas reaviva a identidade étnica e recupera as memórias históricas” (Bernardo, 2018, p.49). Whitney (2010, p. 12) partilha a mesma ideia de Bernardo ao considerar “cada língua como uma instituição e uma daquelas que, em cada sociedade, constituem a civilização. Como todos os outros elementos da cultura, ela varia em cada povo e até mesmo em cada indivíduo”. As ideias de Bernardo (2018) e Whitney (2010) espelham a importância das práticas sociais de grupos situados que envolvem questões de identidade linguística e cultural. De acordo com Mesquita (2003), citado por Mello, (2010), a identidade linguístico-cultural envolve simbologias, desde crenças, valores, concepções, representações emocionais, costumes, até mitos que reverberam a cultura de um povo.

Angola vive uma situação linguística delicada no que diz respeito à falta de prestígio das práticas linguísticas locais e da identidade cultural, o que resultou, conforme mencionado, de um processo de “exílio linguístico”², motivado pela desterritorialização. Deste modo, o que se verifica na vivência do povo e cultura em Angola é uma progressiva perda de elementos da identidade linguístico-cultural atrelada às línguas angolanas. Este silenciamento faz com que o povo seja estrangeiro em sua própria terra, torna-se um povo aculturado, frágil, que absorve as culturas e os hábitos vindos de outras regiões, como é o caso de Portugal, do Brasil e de países próximos de Angola, tais como o Congo Brazzaville e o Congo Democrático.

Vive-se em Angola uma fase pós-colonial. Entretanto, essa pós-colonialismo, como atesta Reis (2011), não se refere ao fim do colonialismo, mas ao enquadramento de um cenário transnacional que envolve os mercados de capitais e dos bens culturais. A ideia de Reis (2011), de certo modo, circunscreve-se na realidade angolana, uma vez que o Estado não tem políticas públicas claras para a preservação das línguas, das culturas, dos costumes, das tradições e da religiosidade tornando esses elementos culturais cada vez mais vulneráveis. Reis (2011, p.50) vai mais longe em seu argumento ao sustentar que,

Na política, como na educação, a mente educada/colonizada deveria ser substituída pela mente culta, mais livre e aberta. Em lugar de produzir apenas sujeitos criados a partir da imitação dos modelos brancos, a educação europeia tornou possível a sua própria destabilização. Assim, enquanto o discurso colonial visa à dominação através da exigência da

cópia e da identidade imutável, o processo de mímica permite que o sujeito se mostre quase como modelo.

Essa vivência de “crise de identidade”³ linguístico-cultural provoca consequências nefastas que se alastram até aos dias de hoje:

[...] o mal não parece estar unicamente na colonização europeia, mas também na globalização económica e na cultura de massa, que geram uma descaracterização dos costumes (alimentação, vestuário), gostos (músicas, leitura) e valores (alguns introduzidos recentemente, outros reforçados, como modelo da “beleza” que inclui a pele branca) (Reis, 2011, p. 34-35).

A elite e/ou os detentores do poder esquecem que a língua constitui um veículo de identidade do povo e representa o mundo interior e exterior do indivíduo. Esse mundo é regido por normas, valores e costumes que orientam o modo de viver, de estar, de falar, de fazer e de ver o entorno. Língua e a cultura estabelecem relações intrínsecas, isto é, não existe língua sem um determinado povo e o povo sempre terá a sua cultura, aquilo que o identifica.

Em conformidade com Hall (2016, p.11), entendo que a identidade diz respeito ao espaço que preenche o “interior” e o “exterior” — entre o mundo pessoal e o mundo público —. Para Castells (2001, p. 22), “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. Seguindo a trilha da maioria dos cientistas sociais, Oliveira (2001, p.139) afirma que a “identidade cultural” seria uma espécie de “sentimento de pertencimento”. Assim, as perspectivas defendidas por Hall (2016), Castells (2001) e Oliveira (2001) convergem. A identidade veicula um significado, próprio de um grupo e ou povo, razão pela qual “a identidade cultural não é auto-referencial como se pensava, ela é, pelo contrário, relacional”. Os grupos veiculam traços de identidade que os diferem de outros grupos, por isso, só deparando-se com indivíduos de outras culturas é que percebemos a existência de um “não nós”, indivíduos pertencentes a outro grupo ou nação, com seus traços de identidade linguístico-cultural.

Em conformidade com Mey (2016, p.76), assumo que a língua está estritamente relacionada com a sociedade, pois expressa as necessidades humanas de se congregarem socialmente, permitindo a construção e o desenvolvimento do mundo. A língua não exprime somente a “alma” ou o “íntimo” do indivíduo; é, além de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa. Sobre a relação entre língua e contexto, sabemos que “nenhum significado pode ser determinado fora do contexto, mas nenhum contexto permite saturação” (Derrida, 1979, citado por Rajagopalan, 2016, p. 35).

Tendo feita essa breve reflexão sobre a relação entre língua, cultura e identidade em Angola, apresento, a seguir, aspectos relativos à enunciação proverbial como representação de uma cosmovisão, trazendo exemplos da relação entre língua, contexto e aspectos simbólicos, culturais, e históricos.

ENUNCIADO PROVERBIAL: MARCA DA COSMOVISÃO DE UM POVO

Angola é um país multilíngue que envolve diversos povos e culturas, carregadas de história, de civilizações, de tradições, de simbolismos e de valores próprios. Por via da língua constroem-se e manifestam-se as práticas que caracterizam um determinado grupo. Tais práticas incluem os mitos, os ritos, as crenças, as canções, os conhecimentos, bem como comportamentos. A língua de qualquer grupo/povo dialoga com a cultura na qual os conhecimentos veiculados são preservados e mantidos através de práticas e usos cotidianos.

Os *provérbios*⁴ são práticas de expressões populares que podem expressar uma lição de moral ou um conselho sobre o cotidiano. São normalmente anônimos e baseados no senso comum. Os provérbios são sentenças curtas que representam um pensamento. Eles servem de síntese e se destinam a aconselhar, advertir e expressar uma dada situação que exigiria do seu emissor a construção de um discurso longo. Os provérbios transmitem saberes, experiências do dia-a-dia e desempenham funções morais quanto à forma de ser, de estar e agir no mundo. Esse aprendizado é transmitido oralmente de geração em geração, tratando-se de enunciados orais carregados de sentido e simbolismo que mantêm os sujeitos ligados à sua cultura e à história.

Os provérbios integram um sistema de crenças, influenciam as ações e as suas mensagens descrevem a relação dos indivíduos com a comunidade, bem como refletem um determinado contexto de uso da comunidade (Liu, 2012). Neste processo, o interlocutor não está alheio ao cenário, por isso, ao dirigir-se à comunidade ou às individualidades, o falante mantém em sua mente o seu público-alvo. Já o receptor do provérbio, em um mesmo contexto cultural, não tem necessidade de recorrer à tradução. Em conformidade com Kunzika (2008, p.18),

Os provérbios servem de luz ou de “sésamo abre-te” para os deixar entrar neste outro mundo de idéias, pois cada língua é um mundo cheio de riquezas representadas pela sabedoria de seu povo. Com efeito, quem critica uma língua, é porque não o conhece.

Sobre a estrutura do provérbio, normalmente, no uso cotidiano, o narrador procura abster-se, remetendo a sua autoria aos seus antepassados, em passagens como: “os mais velhos dizem [...]”, “o meu avô dizia [...]”, “diz-se [...]”. Encaminha-se a autoria ao anonimato e coletiva, cuja compreensão inscreve uma lição moral. Frumuzane (1985) citado por Cazelato (2003, p. 21) sustenta que:

a intertextualidade e a heterogeneidade discursiva da enunciação proverbial, caracterizando-a como “jogo de linguagem”, ou seja, uma relação que a pessoa que enuncia o provérbio estabelece com o seu ouvinte por intermédio do enunciado. [...] A intertextualidade proverbial (ou paremiológica) é parcialmente demonstrada, pois tem carácter de citação com mudanças de entonação, sinais gráficos, uso de introduções como é “Como a gente diz”, “Como diz o provérbio” (característica de menção). Além disso, tem natureza contratual, ou seja, de submeter o mundo ao discurso, e regulativa no sentido de exortação.

Além disso, de acordo com Matos (1974) citado por Cazelato (2003, p.17), o provérbio tem:

alta capacidade de abarcar praticamente todas as actividades humanas, porque tem como base as idéias que, por sua vez, são oriundos de vários comportamentos do conhecimento humano. O provérbio tem como característica a concisão, a expressão do povo de forma metafórica e sugestiva a respeito de uma experiência de vida que resulta numa lição, num conselho. A outra característica se refere ao poder de reflexão colectiva. Tem tendência a ensinar alguma coisa, tem humor, diversão e combinação de palavras: O provérbio é a mais perfeita cristalização do segmento linguístico dentro do sistema funcional. Sua estrutura é fechada. O provérbio só se aproxima do sintagma quando este é fixo, isto é, quando os elementos que o compõem não podem ser separados ou substituídos.

Na cultura africana e, de forma particular, na angolana, as línguas vivem ao serviço das práticas culturais, por esta razão, recorreremos aos provérbios, uma das práticas mais frequentes na fala do povo em Angola. Apresentamos a seguir os provérbios usados pelos *Ambundu*. Esse grupo vive numa grande extensão do território nacional, que se estende entre o mar e o rio Kwangu. Com um número de pessoas não superiores a 1.500.000, o grupo etnolinguístico *Ambundu*, é formado pelos Lwanda, Hungu, Lwangu, Ntemo, Puna, Ndembu, Ngola, Mbomdo, Mbângal, Holo, Kari, Xinji, Minungu, Songo,

Bambeiro, Kissama, Lubolo, Kibala, Haku, Sende. A língua do povo é Kimbundu (Fernandes e Ntongo, 2002, p. 43-44).

Os provérbios são sentenças curtas que podem representar uma forma de pensar objetiva ou complexa, sendo muitas vezes usados para substituir o uso de discursos longos e como forma de objectivá-los. Normalmente, são usados em diversos eventos, como cerimônias fúnebres (óbitos), reuniões familiares, advertências a alguém próximo ou *alembamentos*, entre outros. Mais especificamente sobre o *alembamento*, trata-se de uma cerimônia muito ritualizada, de primeiro encontro formal da família do noivo e da noiva, quando são entregues os presentes, e apresentados os noivos para as duas famílias. Nesse ritual há um ato cultural onde a palavra é atribuída ao mestre de cerimônia, que inicia o processo com o pronunciamento de provérbios em língua nacional. Essa cerimônia é precedida de outros encontros em que os emissários de ambas famílias se reúnem para resolver os ajustes necessários à realização do evento (Mbambi 1997).

Liu (2012) destaca, ainda, a identidade linguístico-cultural e histórica que perpassa o provérbio:

os provérbios têm a sua estrutura determinada e revelam um sentido moral, caracterizam-se pela transmissão de conhecimentos e sabedoria, relacionando-se com desempenhos nítidos de nacionalismo e regionalismo; a sua produção e desenvolvimento ligam-se estreitamente à história, à língua, aos costumes, aos hábitos, ao ambiente de convivência, etc. (Liu, 2012, p. 40).

A identidade cultural transmitida de geração em geração pelo provérbio tende a resistir ao silenciamento das línguas nacionais em que o país se vê mergulhado. Isso não implica que esta prática não esteja em risco, uma vez que quanto mais o tempo passa, os mais velhos morrem e deixam o legado e as responsabilidades aos mais jovens, os quais apenas poucos falam as línguas nacionais. Depois da incursão do enunciado proverbial como marca de cosmovisão, discorreremos, a seguir, sobre a tradução dos provérbios e seus possíveis desencontros contextuais.

A TRADUÇÃO DO ENUNCIADO PROVERBIAL: UM RISCO?

A compreensão dos provérbios requer estratégias interpretativas que envolvem características que circunscrevem a língua e a cultura, pois os provérbios dizem respeito às experiências sociais, culturais e históricas. Isso significa que os provérbios não são

decodificados, mas interpretados, isto é, no exercício da tradução deve-se ter em atenção umas séries de dispositivos culturais que atuam no processo de compreensão (Hartmann, 2011).

Em casos que a tradução faz-se necessário ocorre uma situação de quebra da carga sociolinguística, sociocultural e simbólica que o provérbio transporta. Por outro lado, a tradução é um exercício não fiel a que as línguas são submetidas, podendo promover a mutilação e redução do sentido. Isso ocorre porque, muitas vezes, a prática de tradução não envolve a questão do contexto, do ritmo melódico proporcionado pelas aproximações silábicas, da cosmologia e da simbologia existentes em cada língua, aflorando incompreensões e equívocos na sua leitura (Franchetto, 2012). Além disso, a tradução não é capaz de envolver as questões do timbre da voz, as pausas existentes no uso do provérbio, a entoação e os gestos que o narrador recorre para dar maior realce. Sobre a importância do contexto da produção dos sentidos, Bauman e Briggs (1990), citado por Hatmann (2011, p. 233) descrevem que:

um texto não pode ser compreendido sem o relativo contexto [...] que se considere não mais em termos “normativos, convencionais, e institucionais”, mas como um activo processo de negociação na qual os participantes examinam reflexivamente o discurso na forma como ele está emergindo.

Julgo que tanto a perspectiva de Franchetto (2012) quanto a de Hatmann (2011) convergem, na medida em que comungam ideias relativas à atenção que se deve ter em questões de tradução, uma vez que os enunciados proverbiais dizem respeito à identidade cultural e simbólica de um povo. Além dos provérbios guardarem a cultura de um povo, também desempenham um papel, o de promover a transformação social e cultural. Dos Paxe (2016, p. 65) descreve que:

o enunciado é utilizado em momentos considerados ritualizados, como liturgias, cerimoniais, celebrações, ritualizações e convenções, rituais religiosos, ritos transitórios de passagem em ocasiões como casamento, nascimento e morte, até os rituais cotidianos de interacção. É por esta via que se considera o provérbio a forma concreta da comunicação e interacção humana.

Os provérbios que seguem pertencem ao povo *Ambundue* descrevem a sua identidade linguística, cultural, histórica e simbólica, tendo sido recolhidos durante conversas em família e do livro de Óscar Ribas (2009), um dos escritores preocupado

com a questão da oratura em Angola. Os provérbios selecionados tiveram como base ações de advertências; cada provérbio é traduzido, com a respectiva lição moral que veicula. Essa lição moral acaba sendo o elemento de maior relevância do provérbio e seu significado faz sentido no interior da cultura Ambundu. Os seis provérbios descritos a seguir são de uso em circunstâncias de advertências.

Provérbio 1 – Watonó, dya: kwalunga kwenye kudya. Anga: Watonó, mona: kwalunha, kwalunga kwenie kumona. Anga: watonó, dya: kubadikinya kima ki nangye.

Tradução literal – Se estás acordado, come: no Além, não há comida. Ou: Se estás acordado, vê: no Além, não há vistas. Ou: Se estás acordado, come: O pestanejar é coisa breve.

Lição de moral – Não sacrificar a vida para amontoar dinheiro.

De acordo com Franchetto (2012), as palavras evocam uma certa cosmologia, apreensões do que é a vida, circunstância de vida ou de morte. Nessa ordem de ideia, categorias até certo ponto visíveis para as pessoas de um determinado contexto linguístico e cultural podem ser confusas para outros grupos. O provérbio acima consiste em advertir os indivíduos sobre a necessidade de não estarem focados em muitas atividades, esquecendo-se, muitas vezes, de ter tempo para si, estar bem e se alimentar em condições, sem tempo de desfrutar das coisas boas que a vida oferece ao homem. Trata-se, em alguma medida, de uma crítica ao modo de vida reificado pela aceleração e pelo pragmatismo. Segue abaixo outro provérbio.

Provérbio 2 – A mubana ó kubaka, a mutala ku muxima.

Tradução literal – A quem se dá a guardar, repara-lhe no coração.

Lição de moral – Para confiar em alguém, importa conhecer o seu carácter.

Os provérbios são usados normalmente com a finalidade de estabelecer relações que permitam com que a sua sequencialidade envolva a situação comunicativa, possibilitando relações no interior do sintagma discursivo. Alguns provérbios chegam a ser adaptados para várias circunstâncias devido a sua conotação, o sentido figurado que oferece. Nessa perspectiva, “na interpretação proverbial há um trabalho linguístico discursivo, o uso de estratégias enunciativas como intertextualidade (remissão ao discurso

do outro, do interlocutor, do interdiscurso) e de outros aspectos enunciativos que se referem à situação de enunciação” (Frumuzane(1985, citado por CAZELATO (2003, p. 22).

No provérbio três observa-se uma comparação que se efetua entre um fruto maduro e um verde, tendo uma certa relação intertextual com o provérbio um, que estabelece uma comparação entre a vida e a morte. Essa forma é uma metáfora que espelha o quanto o fruto maduro pode influenciar no amadurecimento do verde.

Provérbio 3 – Kyabi, kibitula kimbambule.

Tradução literal – O maduro contagia o verde.

Lição moral – Certos vícios se adquirem por influência das más companhias.

Provérbio 4 – Utwamena ku dikongo, mwene o mukwa dikongo.

Tradução literal – Quem fica à frente de uma dívida, em próprio devedor se torna.

Lição de Moral – Pelo culpado, responde o abonador.

Já o provérbio cinco faz uma analogia metonímica entre a cara e o coração, em que é possível observar que existe uma relação de causa e efeito; a mesma tendência se observa no provérbio seis, em que se estabelece uma analogia entre a dor e sua necessidade de alívio. Pode-se observar nos provérbios uma tendência de advertência.

Provérbio 5 – Tu dyijya jipolo, tu dijiwetu mixima.

Tradução literal– Conhecemo-nos pelas caras, não nos conhecemos pelos corações.

Lição de moral– As aparências iludem.

Provérbio 6 – O kixinda ki ala mu mazunu, akibemba; o malonga wala mu tulu a uzwela.

Tradução literal: O ranho que está no nariz, assoa-se; o ressentimento que está no peito, revela-se.

Lição de moral– O desabafo mitiga a dor.

Admitimos que a utilização dos provérbios nas diversas esferas da vida social Ambundu tem diminuído devido ao desaparecimento físico dos guardiões destes enunciados discursivos. Além disso, notamos uma mudança geracional de cultura e língua, em que os jovens não se vêm interessados nesses saberes, fruto da marginalização

das línguas e culturas nacional em prol da imposição de um monolinguismo em língua portuguesa. Deste modo, acredito que o Estado deve criar políticas que (re)vitalizem o uso das línguas nacionais por meio de cooficialização e da validação da educação bilíngue. Concordo com Mey (2016, p. 81-82) de que “[...] a questão da língua e da identidade seria simplesmente resolvida postulando-se uma equação com dupla validade: a língua de uma pessoa é a sua identidade, e a identidade de uma pessoa é a sua língua”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos, de acordo com Kunzika (2008, p. 19), há “necessidade de promover o desenvolvimento das línguas nacionais para a conservação da nossa cultura no presente e a sua transformação para o futuro”. As questões relacionadas às políticas de Estado (no que se refere às línguas nacionais) motivaram o “exílio linguístico” e aceleram o silenciamento do uso dos provérbios nos seus vários domínios da vida, uma vez que eles têm sua existência garantida quando as suas práticas são aceites e reconhecidas. Defendo que os provérbios têm grande relevância na vida moral do povo africano e, de forma particular, do povo angolano, pois espelha a sabedoria que se vai passando de geração em geração. A materialidade do enunciado discursivo proverbial assenta no seu contexto, na cultura de grupo situado. Porém, a despeito de um silenciamento das línguas nacionais, como o Kimbundu, proponho que a compreensão do provérbio transporta uma carga semântica que não pode ser facilmente esvaziada, pois ela permanece como memória de um povo.

REFERÊNCIAS

- Amaral, Ilídio (1996). *O Reino do Congo, os Mbundu (ou Ambundu), o Reino dos “Ngola” (ou de Angola) e a Presença Portuguesa, de finais do século XV a meados do século XVI*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Barroso, Nuno Paulino; Cunha, Celestina Francisco da. *O casamento tradicional em Angola*. Manual de Língua Portuguesa da 8ª classe. Luanda: Texto Editores, 2008.
- Bernardo, Ezequiel Pedro José (2018). *Política Linguística para o ensino bilíngue em Angola*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Caldas, Ivy Muriel Mattos (2014). *De Grão em Grão a Galinha Enche o Papo: A Presença dos Animais nos Provérbios Brasileiros*. Trabalho de conclusão de

- curso. Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, Universidade da Brasília. Disponível em:
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9341/1/2014_IvyMurielMattosCaldas.pdf.
- Castells, Manuel (2001). *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra.
- Constituição da República de Angola, Luanda: Imprensa Nacional, 2010.
- Cazelato, Sandra Elisabete de Oliveira (2003). *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. Dissertação de mestrado, Campinas/Unicamp.
- Dos Paxe, Abreu Castelo Vieira (2016). *A migração Fractal do Provérbio: Práticas, sujeitos e narrativas entrelaçadas*, tese (doutorado em Comunicação e semiótica), Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.
- Fernandes, João, Ntondo, Zavoni (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Nzila.
- Franchetto, Bruna (2012). *Línguas ameríndias: modos e caminhos da tradução*. Cadernos de Tradução, v. 2, n. 2, , p. 36-61.
- Hall, Stuart (2016). *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Hartmann, Luciana (2011). *Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causas*. Florianópolis: Ed. UFSC.
- Momen, Narciso Benedito (2001). *Estudo Comparativo da Forma Verbal do Umbundu (R10) e Kimbundu (H20)*. Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, Luanda.
- Kunzika, Emanuel (2008). *Dicionário de Provérbios Kikongo*. Luanda: Nzila.
- Mey, Jacob L. (2016). Etnia, identidade e língua. In.: SIGNORINI, Inês. (org), *Lingua(gem) e Identidade*. São Paulo: Fapesp.
- Mello, Maria da Luz (2010). *A Cidade do Mindelo: Identidade Cultural e Linguística (1850 – 1975)*, Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade do Porto, Porto/Mindelo.
- Mingas, Amélia (2007). *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Luanda: Chá de Caxinde.
- Oliveira, Pêrsio Santos (2001). *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática.
- Reis, Eliana Lourenço de Lima (2011). *Pós-Colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural*. Belo Horizonte: UFMG.
- Relatório Mundial da UNESCO. *Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural*. Disponível em:

- unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf. Acesso em 10/08/2019.
- Rajagopalan, Kanavillil (2016). O conceito de identidade em linguística: é chegado a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e Identidade*. São Paulo: FAPESP.
- Ribas, Óscar (2009). *Missosso II*. Lisboa: Mercado do Livro.
- Severo, Cristine; Siteo, Bento; Pedro, José (2014). *Estão as Línguas Nacionais em Perigo?* Lisboa: Escolar Editora.
- Silva, Tomaz Tadeu da (2000). A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Venclovska, Natálie (2010). *Animais nos Provérbios Portugueses*. Dissertação de mestrado. Universidade de Masaryk, Faculdade de Artes, Brno. Disponível em <https://theses.cz/id/ryws3x/?lang=en>
- Whitney, Willian Dwight (2010). *A vida da linguagem*. Rio de Janeiro: Vozes.

¹ A designação *genocídio lingüístico* refere-se a toda prática que visa ao silenciamento das práticas lingüísticas de falantes das línguas angolanas de origem africana.

² O termo exílio lingüístico no presente artigo é designado ao povo que vive privado do uso da sua língua materna nas várias esferas da vida social.

³ Crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2015, p.9).

⁴ A palavra provérbio vem do latim *proverbium* que significa “palavra pronunciada em público”. São estruturas compostas que possuem mais de uma palavra (CALDAS, 2014, p.18).